

Reflexões sobre o Ensino Religioso: o sagrado e seus encantos

Reflections on Religious Education: the sacred and its charms

Sofia Maria Alexandre

Licenciatura em História (UEPG)
Especialista em Educação Especial (ESAP).
Professora da Rede Privada e Pública de Educação.
(Ponta Grossa/ PR - BRASIL)

Donizeti Pessi

Licenciatura e Especialização em Filosofia (FACEL),
Mestrando em Teologia (PUCPR).
Professor da Faculdade Sant'Ana e Colégio SESI
(Ponta Grossa/PR - BRASIL).

Resumo

Diante da importância de reflexões e atitudes condizentes com os objetivos das Diretrizes Curriculares para as aulas de Ensino Religioso, a proposta deste trabalho é refletir conceitos e questionar, delimitar as possibilidades para verificação dos encantos e entraves relacionados à disciplina. Levando em conta a formação acadêmica, os valores que carrega e os conceitos do sagrado e do fenômeno religioso adequados à sua metodologia onde o diálogo, a alteridade e as experiências do sagrado que o grupo apresenta ou não, poderão levar à construção ou desconstrução da finalidade da disciplina de Ensino Religioso; para isso foi realizado um questionamento qualitativo bem como entrevistas e observações com professores que ministram essa disciplina, e cerca de 60 alunos dos 6º anos da Rede Pública de Ensino. Os principais resultados da pesquisa apontam que os alunos gostam das aulas e aprendem sobre várias religiões preparando-se também para fazer escolhas em sua vida, já os educadores sentem necessidade de mais cursos e recursos didáticos para melhor trabalhar.

Palavras-chave

Ensino Religioso. Diálogo. Sagrado. Encanto.

Abstract

In face of the importance of reflections and attitudes appropriated for the objectives of the Curriculum Guidelines for Religious Education lessons, the purpose of this work is to reflect about concepts and to know the limits, possibilities, fascination and obstacles related to the discipline realized by educators during the lessons, taking to account teachers formation, their values and the concepts about the sacred and religious phenomenon. These facts adjusted to methodology, to dialogue, to otherness and experiences about the sacred, presented or not by the group, could lead to a construction or deconstruction of the discipline purposes. As research instruments were used a qualitative questionnaire answered by more or less sixteen students from the 5th. grade (6th.year) and lessons observation in a school from the State of Paraná. The main results show the students enjoy the lessons, they learn about many religions and beside of this, they are prepared to make choices in their lives. It was also showed

that educators need more courses and resources in order to get better results in their pedagogical practices.

Keywords

Religious Teaching. Dialogue. Sacred. Fascination.

Introdução

A importância de serem desenvolvidos estudos sobre o Ensino Religioso nas Escolas Públicas está na constatação de que não se pode chegar a compreender a diversidade religiosa como um todo, sem antes, reviver, conceitos éticos e culturais para que as aulas sejam atrativas, respeitadas e construtivas na formação da cidadania, tendo em vista que o educador é formado de opiniões. Para tanto, é preciso se encantar, se apaixonar pela educação. O presente trabalho tem como objeto de estudo uma análise a respeito das dificuldades encontradas pelo educador em suas aulas, bem como perceber que a disciplina é formadora de uma consciência crítica, de valores, de discernimentos e também de escolhas, o que a torna encantadora.

Estabelecer um parâmetro entre a relação que o docente tem com o sagrado e o fenômeno religioso no mundo atual é fundamental, pois não é possível trocar experiências se não perceber o sagrado, daí a precariedade de algumas aulas onde os professores sem formação e preparo específico são aceitos para ministrar aulas de Ensino Religioso, sem saber a metodologia, sem abertura ao diálogo, enfim, sem condições de atuar a contento. O enfoque interdisciplinar qualifica o contexto educacional como um todo, para o ensino religioso disciplinas como História, Geografia e Filosofia favorecem a compreensão da presença religiosa na atuação humana pautada em metodologia flexível, cujo direito de todo cidadão é professar livremente a sua crença religiosa. Esse olhar permite na perspectiva da interdisciplinaridade que o aluno estabeleça uma releitura de si e do mundo que o rodeia. Dentro desta análise,

Nessa construção, o ensino religioso, assim como as demais áreas do conhecimento, é um marco estruturado de leitura e interpretação da realidade, essencial para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma autônoma. Para tal, possui uma linguagem própria, que favorece a compreensão do fenômeno religioso na sociedade. Por fenômeno religioso entendemos o processo de busca do ser humano em direção ao transcendente, ao sagrado. Esse processo pode acontecer a partir de uma experiência pessoal ou em uma experiência partilhada na comunidade das tradições religiosas.¹

Tendo em vista que a religião faz parte do ambiente cultural, faz-se necessário conhecer as maneiras pelas quais grupos sociais como a família, escola e comunidade se organizam culturalmente e como vivenciam suas relações com o sagrado. A bagagem

¹ JUNQUEIRA, Sérgio. *O Sagrado, fundamentos e conteúdo do ensino religioso*. Curitiba: Ibepex, 2009. p. 20.

cultural que os educandos carregam é muito rica, o educador que sabe conduzir e trocar experiências com os alunos estará construindo o respeito religioso e não passará o confessional, e sim possibilitará que todos comentem sobre a sua religião e os conhecimentos das outras, como por exemplo, os orientais, os indígenas e os afro-brasileiros, valorizando assim o universo cultural-religioso dos alunos.

E é assim que o Ensino Religioso surge, dentro de uma perspectiva de análise de que os homens não são apenas seres biológicos, meros produtos da natureza. Os homens são, também, seres culturais que modificam o estado de natureza e, acima de tudo, é um ser religioso com experiências do sagrado, e muitas vezes com a instituição de uma religião que norteiam suas ações e seus objetivos. Deste modo, justifica-se:

O estudo das culturas e das tradições religiosas tem o intuito de analisar as raízes das manifestações de religiosidade, buscando compreender o modo de ser, pensar e agir das pessoas, pois as determinações religiosas permeiam a vida cotidiana delas. Estudar as manifestações culturais e religiosas no nosso contexto social e no mundo possibilita-nos compreender o que é cultura, o que é fenômeno religioso, a importância e a influência da religião na convivência com diferentes grupos religiosos.²

O que se pretende aqui é uma análise do Ensino Religioso a respeito dos encantos e entraves em ministrar a disciplina, onde se percebe o aluno como um ser religioso que carrega dentro de si, experiências do sagrado, convivendo numa diversidade cultural e religiosa que compõe uma sala de aula, por isso, o fenômeno religioso é também encantador, torna o ser humano especial quando o Transcendente se revela em sua vida; nesta interação entre o encanto da disciplina de Ensino Religioso e o fenômeno religioso se manifestando nas pessoas, o diálogo é fundamental. Neste contexto o

[...] dialógico não é apenas o relacionamento dos homens entre si, mas é o seu comportamento, a sua atitude um-para-com-o-outro, cujo elemento mais importante é a reciprocidade da ação interior. Numa situação dialógica, o homem que está face a mim nunca pode ser meu objeto; eu “tenho algo a ver com ele”. “Talvez eu tenha que realizar algo nele; mas talvez eu apenas tenha que aprender algo e só se trata do meu ‘aceitar’ [...]. O que importa agora é unicamente que eu me encarregue deste responder”.³

Por outro lado, as desigualdades étnico-religiosas podem se agravar, e maiores transtornos ocorrerão quando as aulas se constituírem num monólogo acompanhado da agressividade de tratamento, e não respeito à liberdade de comunicação e expressão, crenças e cultos.

² SCHLÖGL, Emerli. *Ensino Religioso perspectivas para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio*. Curitiba: Ibpe, 2009. p.21.

³ BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva S.A, 2009. p. 8.

O Diálogo no Ensino Religioso

O diálogo é uma forma amorosa de comunicação; desde a antiguidade clássica grega, percebe-se que a metodologia socrática fundamentava-se no diálogo e que até hoje influencia. O que se descobriu há mais de 2500 anos, é que o homem interage com ele mesmo – Conhece-te a ti mesmo, o mote delfico de Sócrates⁴ – e com os outros. Por isso, torna-se reflexivo que:

O mundo da relação se realiza em três esferas. A primeira é a vida com a natureza. Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como que aquém da linguagem. As criaturas movem-se diante de nós sem possibilidade de vir até nós a TU que lhes endereçamos depara-se com o limiar da palavra. A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o TU. A terceira é a vida que envolve em nuvens, se revela, silenciosa mas gerando a linguagem. Nós proferimos, de todo nosso ser, a palavra-princípio sem que nossos lábios possam pronunciá-la.⁵

Então, o diálogo permanece como parceiro do relacionamento. Através dele, o homem se descobre e descobre o outro, prazerosamente.

Relação é reciprocidade. Meu TU atua sobre mim assim como eu atuo sobre ele. Nossos alunos nos formam, nossas obras nos edificam. O “mau” se torna revelador no momento em que a palavra-princípio sagrada o atinge. Quanto aprendemos com as crianças e com os animais! Nós vivemos no fluxo torrencial da reciprocidade universal, irremediavelmente encerrados nela.⁶

Na percepção freireana, o diálogo entre os homens é um encontro amoroso humano, transformador. Assim, o diálogo tem o poder de transformar o homem e, ao transformar-se ele se humaniza, e ao humanizar-se consegue com que todos ao seu redor também se humanizem. A comunicação desperta a sensibilidade para ouvir, e ao ouvir há aprendizado e interação entre as pessoas, isso é encantador.

Ao aprender a valorizar a palavra falada, aprende-se também a valorizar a fala pessoal e a fala do outro. Assim, se faz a interação em uma sala de Ensino Religioso. Isso permite o início do aprendizado do ouvir e do dialogar. Nesse momento dialético, o homem adquire o conhecimento de expressar os próprios pensamentos, a ouvir o outro e, a partir da fala dele, elaborar e reelaborar a sua fala. A troca de experiências no referencial ‘sagrado e transcendente’ na vida contempla o poder da palavra. É bem verdade que a palavra tem o poder encantador, reúne o sagrado e o profano.

⁴ Cf. SCIACCA, M. F. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1967. p. 54.

⁵ BUBER, Martin. *Eu e tu*. 2. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. p. 6 e 7.

⁶ BUBER, 1979. p.18.

Se os alunos conviverem em espaços dialógicos, isso os ajudará a torná-los mais capazes de pensar em múltiplas perspectivas, de respeitar a fala e a religião dos outros. Enfim, se todos crescessem assim, ajudariam a tornar o mundo mais razoável, mais humano no convívio e na diversidade cultural e religiosa, porque o diálogo permite a melhoria das relações.

A linguagem é a forma cultural que o homem possui para tornar-se especial em relação a outros seres vivos. A comunicação passa a ser o diferencial quando o homem se apropria e demonstra que é diferente e possui o poder da comunicação. Neste contexto:

O diálogo promove a aproximação e, portanto, inclui sentimentos, como o sentimento amoroso. O amor é também uma experiência estética, arrebatadora. Ama-se facilmente aquilo que comove, aquilo que atrai os sentidos e que encanta. O amor quase sempre é expresso em termos de beleza: alguém que ama sua terra natal a reconhece como bela: o próprio amor é tido como um “belo sentimento”. Nas construções simbólicas, o belo está sempre presente, nas formas arquitetônicas que pronunciam significados do sagrado, nas danças sacras, nos sons entoados para invocação, nos objetos de culto, nas vestimentas sacerdotais, enfim, na gama infinita de possibilidades dos símbolos. Estudar as culturas e tradições é se deixar seduzir pela beleza de seus símbolos a fim de lhes conhecer os sentidos.⁷

A citação acima significa uma opção da valorização do conhecimento cultural e religioso que o educando carrega dentro de si, e que lhe falta a oportunidade de falar. Porém, para ocorrer a comunicação, o profissional à frente da aula de Ensino Religioso, deve estar bem preparado, ciente do conteúdo proposto nas Diretrizes Curriculares e livre do confessionalismo que embarga muitas vezes o respeito entre educador e educando, provocando o desencanto da aula. Lembra-se, então, que as palavras têm o poder de construir e também destruir – sem perder a ética; é preciso construir.

Alteridade cultural no contexto do Ensino Religioso

Atualmente, mais do que nunca, emerge nos meios sociais e políticos a consciência de que se vive em uma sociedade recortada por uma imensa diversidade cultural e religiosa. Trata-se de um mosaico de indivíduos que possuem as mais variadas origens étnicas, que seguem as mais diversas crenças e religiões, indivíduos que convivem com alteridade todos os dias. Pois, “[...] tudo começa pelo direito do outro e por sua obrigação infinita a este respeito. O humano está acima das forças humanas”.⁸ Por isso, ainda pode-se refletir: “A alteridade compreende o reconhecimento da existência do diferente, do

⁷ SCHLÖGL, 2009, p.50.

⁸ LÈVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.

outro, pretendendo, nesse item, não apenas reconhecer essa existência múltipla, mas tratá-la com respeito e cuidado.”⁹

A escola possibilita ao aluno, por meio das aulas de ensino religioso, a compreensão dos comportamentos das pessoas na sociedade, bem como o desenvolvimento da consciência da cidadania, da formação continuada, pautada em valores para fazer suas escolhas e promover sua própria dignidade e alteridade.

Cabe ao professor dar significado à essa aula, com afetividade e abertura, o aluno participará e irá se sentir um agente construtor, colaborador de momentos reflexivos para uma nova história pautada na cultura da paz. Todas as iniciativas e metodologias aplicadas necessitam de um olhar humano, buscando a alteridade, a tolerância, a coexistência que começa com cada aluno, cada professor, cada funcionário. Tais atitudes contagiam o ambiente em que vivem.

E os alunos precisam de afeto. E só a educação onde há afeto, onde experiências são trocadas, enriquecidas, vividas. O professor que apenas transmite informação não consegue perceber a dimensão do afeto na aprendizagem do aluno. O aluno precisa de afeto, de atenção. A família cada vez mais desestruturada gera filhos ainda mais complicados, tristes, ressequidos, carentes de um mestre que estenda a mão e não tenha medo de dar amor. Não se quer com isso desprezar a importância dos pais, nem tentar cobrir sua ausência e indiferença na vida dos filhos. Entretanto, como não dá para reclamar apenas, e alguma coisa precisa ser feita, que o professor amenize esse sofrimento e auxilie o desenvolvimento harmônico do aluno.¹⁰

Assim, o comportamento do ser humano não nasce pronto pelas ‘mãos da natureza’. A vida de cada indivíduo depende do parto de si mesmo, num processo permanente de ‘nascer sem parar’; compartilhada, humanizada e dimensionada às necessidades humanas. Perpassa o reconhecimento da existência do outro com afetividade, com alteridade frente a diferentes culturas com diferentes grupos sociais.

As diretrizes curriculares consideram que o sagrado e a religião, constituem-se numa construção histórica do homem, onde no universo das diversidades culturais, religiosas e filosóficas se problematiza, estuda-se e compreende-se o sentido do sagrado e da religião. Dentro desse contexto, a disciplina de Ensino Religioso surge como importante momento dentro do cotidiano escolar.

Em outras palavras, o Ensino Religioso encanta quando auxilia na formação pessoal do educando, pois proporciona o entendimento de si, através da releitura dos elementos religiosos que o acompanham desde cedo e que lhes foram repassados pela família e pela comunidade. Mais ainda, propicia a aprendizagem de outras culturas e

⁹ SCHLÖGL, 2009. p.19.

¹⁰ CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo, Gente, 2001. p. 248.

tradições religiosas, não somente através do convívio com os colegas que seguem orientações religiosas diferentes, mas também no contato teórico com essas outras formas de religiosidade e culturas.

Portanto, no tocante à alteridade cultural e religiosa no contexto do Ensino Religioso, reflete-se sobre as diferentes formas de relações com o Transcendente; sendo assim, as aulas devem configurar-se num espaço mediador para que as diversas tradições religiosas sejam conhecidas, livres da carga do preconceito, servindo como ponto de partida para a construção do respeito entre todos, para a construção de um cidadão crítico e sensível à alteridade, cujo posicionamento extrapole o âmbito escolar e alcance todos os meios sociais.

Experiências do sagrado

Por sagrado entende-se tudo aquilo que eleva para além de sua existência natural. O sagrado se manifesta de muitas maneiras, influenciando a vida das pessoas e, muitas vezes, determinando a sua conduta moral, bem como se relacionam às questões existências que dão sentido ao seu viver. Segundo as Diretrizes Curriculares de Ensino Religioso:

Sagrado é, pois, o olhar que se tem sobre algo ou a forma como se vê determinado fenômeno. Aquilo que para alguns é normal e corriqueiro, para outros é encantador, sublime, extraordinário, repleto de importância e, portanto, merecedor de um tratamento diferenciado como exemplo, um determinado objeto que pode ser sagrado para uma pessoa ou na coletividade, para outros não passa de apenas mais um objeto. O mesmo ocorre com locais, templo, símbolos, textos orais ou escritos, manifestações, entre outros. Para que o sagrado seja tratado como saber (escolar) e possa ser objeto do Ensino Religioso é necessário buscar relações de conteúdos que possam traçar caminhos para atingir o objetivo e compreender qual é a papel da disciplina de Ensino Religioso como parte do sistema escolar.¹¹

O que torna “algo” sagrado é a força ou potência para realizar aquilo que os homens julgam impossível de se efetuar contando apenas com as forças e capacidades humanas. Muitas vezes parece que cada religião está desenvolvendo uma parte de algo muito grande, que não caberia num único modo de entender o sagrado.

Sendo assim, a experiência do sagrado em sala de aula deve se revelar de maneira respeitosa, sincera. A riqueza encontrada no Ensino Religioso está justamente na sinceridade de propósitos, na fidelidade à consciência, na construção do bem comum e no amor ao próximo. Cada aluno terá algo a dizer sobre isso, pois é preciso começar um terreno inter-religioso.

¹¹ PARANÁ, Secretaria de Estado de Educação. *Diretrizes Curriculares de Ensino Religioso para a Educação Básica*. Curitiba, 2006. p. 57.

Celebrar a vida como sagrada, oportunizar aos educandos para expressarem suas experiências, encantar-se pela vida, sonhar, objetivar valores éticos e morais; tornarem-se cidadãos do bem-comum é também função do Ensino Religioso. O Ensino Religioso busca valorizar o ser humano e ajuda-o a dar sentido à sua existência a partir das experiências do sagrado. Dentro desta perspectiva,

Nesse intuito, é necessário um conceito operativo para uma abordagem específica que resguarde os qualitativos do fenômeno relativos à religião. A opção pelo sagrado como representação parte do pressuposto de que existe um senso de sagrado recorrente em diversas culturas, condicionado pelo mito e expresso em símbolos religiosos, tradições, instituições e ritos.¹²

Então, a religião surge como um encantamento, e o educador deve encaminhar as reflexões com questionamentos, diálogos, que colaborem para que o aluno tenha consciência, entendimento e construa o conhecimento. É nesta sociedade globalizada, materialista e banalizada que a educação visa metas muito além do conhecimento intelectual. Em sala de aula, educadores e alunos buscam intermediar espaços para o “ser”; neste contexto, a disciplina de Ensino Religioso resgata no homem o encanto do sagrado pelo Transcendente.

Considerações Finais

O Ensino Religioso nas escolas tem sido, nos últimos anos, motivo de acirrado debate, principalmente nas escolas públicas. Será importante a presença de uma disciplina assim no currículo escolar? Este questionamento foi observado em situações qualitativas de sala de aula. Conforme a abordagem qualitativa desta pesquisa observou-se que, após trabalhar com os alunos nas aulas de Ensino Religioso alguns questionamentos, pesquisas, conceitos científicos e também diálogos contribuíram para esclarecer sobre: O que é religião? Você tem uma religião? Qual é? Como acontecem os cultos? O que é sagrado para você? Você já ouviu falar na palavra transcendente? O que você sabe sobre as outras religiões? Você considera importante a aula de Ensino Religioso? O que você apreende nas aulas?

Foram várias aulas observando o comportamento, conteúdo apreendido, valores despertados e atividades realizadas com alunos do ensino fundamental I. Percebeu-se que a maioria deles considera importante ter aula de Ensino Religioso porque aprendem sobre as religiões e a ter respeito pelo outro, uma pequena parcela dos alunos considera uma aula diferente e gosta porque não precisa estudar para fazer uma avaliação escrita, e também que é uma aula de conversas onde muitos contam sobre sua religião e trazem curiosidades e questionamentos sobre a sua e outras religiões.

¹² JUNQUEIRA, 2009. p. 76.

Sobre o significado de sagrado os alunos relacionaram muitas vezes com pai, mãe, avó, avô, madrinha, irmão, amigo, igreja, Deus e até mesmo a natureza. Aqui se percebe que o conceito de família não é mais composto por pai, mãe, irmãos; família na sociedade moderna se constitui por aquele ou aquela que “cuida”. O importante é considerar que o sagrado, no entendimento desses alunos, é que tudo aquilo que faz bem e o bem que fazem a ele.

Analisando a percepção do educador formado ou especializado na disciplina de Ensino Religioso, o encanto das aulas está em trazer para o universo do aluno as diferentes manifestações religiosas, diferentes povos e culturas religiosas. Incentivar no educando a curiosidade e o respeito pelo diferente, pelo ‘novo’ também foi relevante nas conversações, bem como o fato de conhecer crenças muito diferentes das que eles estão acostumados, possibilita trabalhar aspectos da aceitação, respeito e reconhecimento do outro.

Alguns entraves relacionados ao Ensino Religioso foram observados pelos educadores no tocante a não valorização da disciplina, que é vista muitas vezes, como o ensino de valores e sem importância. A falta de materiais, de cursos específicos, de mais dinâmicas dificultam o trabalho com o Ensino Religioso que é tão importante quanto as outras disciplinas. Ao entender a religiosidade como uma das dimensões humanas, é evidente a necessidade de inserir também este aspecto na proposta educacional.

Toda pessoa, independente de sua idade, é racional, afetiva, social, física, sensível, espiritual e precisa desenvolver-se como uma unidade, relacionando-se consigo, com os outros, com o mundo e com o Transcendente. Então, é fundamental não esquecer a dimensão religiosa dialogal. A educação pode ser definida das mais diferentes formas, mas, em se tratando de seu objetivo final, todas as definições convergem para o desenvolvimento pleno do ser humano na sociedade. É aqui que o Ensino Religioso fundamenta a sua natureza, pois para adquirir seu estado de realização integral, o homem necessita da dimensão religiosa.

Conhecer as situações assumidas pelo homem religioso, compreender seu universo espiritual é livrar-se da carga do preconceito, servindo como ponto de partida para a construção do respeito entre todos, para a construção de um cidadão crítico e sensível à alteridade, cujo posicionamento extrapole o âmbito escolar e alcance e encante todos os meios sociais. Torna-se evidente que as aulas de ensino religioso podem resgatar o olhar do aluno numa perspectiva mais humana, idealista, solidária, voltada para a ética e cidadania. Assim, evidenciam-se os encantos do ensino religioso.

[Recebido em: março de 2013

Aceito em: maio de 2013]